

O ensino de língua portuguesa mediado pelo gênero conto: Sequência didática

Portuguese language teaching mediated by the gender tale: Teaching sequence

Jacinaila Louriana Ferreira¹

<https://orcid.org/0000-0002-2131-9032>

Resumo

Os desafios de uma educação que inclua o aluno, como principal sujeito no processo de ensino e aprendizagem, está a cada dia mais evidente, exigindo práticas sólidas que venham de encontro à realidade tornando-a mais eficaz. Dessa forma, pretende-se mostrar neste artigo uma experiência bem-sucedida direcionada pela sequência didática proposta pelos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Objetivou-se por meio de um diálogo com os autores evidenciar a facilidade que o processo de cada etapa sequencial traz para a formação e ensino da língua materna, pois proporciona um acompanhamento dos avanços e necessidades do educando.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, Sequência didática, Produção, Variação linguística.

Abstract

The challenges of an education that includes the student as the main subject in the process of teaching and learning, is increasingly evident, demanding solid practices that come from reality making it more effective. In this way, we intend to show in this article a successful experience guided by the didactic sequence proposed by the authors Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). It is intended through a dialogue with the authors to highlight the ease that the process of each sequential step, brings to the formation and teaching of the mother tongue, as it provides a monitoring of the progress and needs of the learner.

Keywords: Portuguese Language Teaching, Following teaching, Production, Didactic sequence, Linguistic varieties.

Introdução

O presente artigo parte de uma experiência pedagógica com alunos do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual. Discorrer-se-ão sobre os caminhos percorridos, atividades desenvolvidas, análise, reflexão linguística e resultados obtidos.

Pauta-se no trabalho com o gênero textual conto, e para o desenvolvimento nos baseamos nos estudos realizados pelos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004,

¹ Licenciatura Plena em Letras, pós-graduação em Docência do Ensino Superior, aluna do PROFLETRAS, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: profjacinaila@gmail.com.

p.96), que propõem a sequência didática e a definem como um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, tendo como finalidade principal “dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis”. De acordo com os autores, uma sequência objetiva preparar o aluno para diversas situações comunicativas, instruindo para a adequação da linguagem em cada situação contextual.

Conforme propõem os autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) a sequência didática consiste na divisão dos módulos em etapas, sendo elas a apresentação da situação a ser trabalhada, uma produção inicial diagnóstica que intui mostrar os avanços durante o processo, bem como as necessidades de aprendizado, os módulos de atividades e uma produção final. Os estudos são necessariamente direcionados por um gênero textual e os objetivos devem ser previamente estabelecidos para o desenvolvimento do trabalho, assim como, ao que se pretende alcançar.

A variação linguística e o estudo do gênero de acordo com a Base Nacional Comum (BNCC)

Uma das competências específicas de Língua Portuguesa, de acordo com a Base Nacional Comum (BNCC), é “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 83). Dessa forma o aluno deve estar consciente, desde a leitura, de que irá se deparar com palavras e expressões que fazem parte da variação da língua, pois ela é viva e como tal está em constante mudança e renovação.

Dominar o sistema de escrita do português do Brasil não é uma tarefa tão simples: trata-se de um processo de construção de habilidades e capacidades de análise e de transcodificação linguística. Um dos fatos que frequentemente se esquece é que estamos tratando de uma nova forma ou modo (gráfico) de representar o português do Brasil, ou seja, estamos tratando de uma língua com suas variedades de fala regionais, sociais, com seus alofones, e não de fonemas neutralizados e despidos de sua vida na língua falada local. De certa maneira, é o alfabeto que neutraliza essas variações na escrita. (BRASIL, 2017, p. 86).

As transformações na forma de ensinar, desse modo, partem de pressupostos já previstos nos documentos oficiais que regem os componentes curriculares do ensino. É

preciso ler além do texto verbal, associando o que se aprende e ensina a um contexto semântico, histórico e cultural. Em todas as práticas de linguagem, a BNCC (Base Nacional Comum) prioriza os estudos linguísticos presentes nos gêneros escritos e orais, bem como a variação. Conforme explicitado na BNCC:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 77).

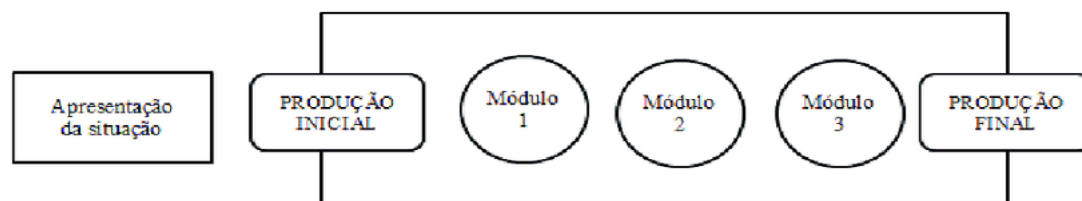
Portanto percebe-se claramente que o ensino da língua deve estar em especial atrelado a uma profunda reflexão acerca dos fenômenos linguísticos e suas transformações sociais, conscientizando-se sobre a problemática do preconceito contra a diversidade e riqueza linguística que fazem e são parte do nosso povo.

Enfatizar a variação linguística não apenas na grafia é também objetivo das metas estabelecidas nos documentos que regem o ensino, pois vai muito além de palavras distintas com um mesmo significado, como na variação regional, faz parte também da oralidade, dos sotaques e representações fonéticas de um único fonema.

Espera-se, dessa forma, a partir do trabalho em sala de aula, uma postura consciente e respeitosa com relação a língua e seus falantes, considerando-se e valorizando-se as variações.

A sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly atrelada às reflexões linguísticas

A sequência didática desenvolvida é proposta pelos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly, conforme especificada no esquema da figura 1:



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 64.

A proposta é que se trabalhe um conjunto de atividades por meio de várias etapas, primeiro vem a apresentação inicial, cujo objetivo é motivar o interesse pelo gênero escolhido, parte-se então para a primeira produção como forma de detectar o nível de aprendizagem dos alunos, caminha-se pelos módulos até se chegar à produção final.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Atividades estas que visam o pleno entendimento das características do texto e análise linguística do mesmo em um dos módulos, visto que se faz necessária uma reflexão sobre a produção inicial para um produto final coerente com os objetivos pré-estabelecidos pelo professor.

As atividades devem levar em consideração primordialmente o domínio e diferenciação dos gêneros textuais, pois, para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), a sequência didática “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”. Portanto, podemos salientar que a organização de uma sequência se constitui de uma junção de leitura, análise linguística e produção do gênero em estudo, visto que são etapas complementares e não surtem efeito de forma isolada. Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97)

O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos e sobre gêneros públicos e não privados [...]. As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

Por meio dos estudos do gênero conto, sequenciado pela proposta dos autores citados acima, buscamos neste trabalho despertar o interesse do aluno através de uma reflexão crítica sobre a leitura e produção, ou seja, por meio de atividades epilinguísticas. Nesse contexto, Franchi (1991) especifica que:

Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações. [...] Por um lado, ela se liga à atividade linguística, à produção e à compreensão do texto, na medida em que cria as condições para o desenvolvimento sintático dos alunos: nem sempre se trata de aprender novas formas de construção e transformação das expressões; muitas vezes se trata de tornar operacional e ativo um sistema a que o aluno já teve acesso fora da escola, em suas atividades linguísticas

comuns. Mas por outro lado, essa atividade é que abre as portas para um trabalho inteligente de sistematização gramatical (FRANCHI, 1991, p. 36-37).

Ao propor-se, por exemplo, uma roda de conversa, na qual todos relatam um acontecimento, cria-se um ambiente reflexivo através de uma atividade que chamamos de epilinguística, pois leva o aluno a refletir sobre a linguagem e os elementos do gênero em estudo a partir de suas práticas sociais no cotidiano.

Não é necessário e nem se deve deixar de trabalhar a gramática normativa, porém é preciso um olhar voltado para a autorreflexão acerca dos temas abordados. Se estamos trabalhando sobre substantivo, o aluno precisa saber que até o seu nome faz parte dessa classe de palavras. Facilitando-se, assim, o processo por meio de algo que já é de sua propriedade. De acordo com Franchi (1991):

Interessa pouco descobrir a melhor definição de substantivo ou de sujeito ou do que quer que seja. No plano em que se dá a análise escolar, certamente, não existem as boas definições. Seria mais fácil fazê-lo em uma teoria formal do que em uma análise que tateie pela superfície das expressões. Mas interessa, e muito, levar os alunos a operar sobre a própria linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para suas mais diversas opções. (FRANCHI, 1991, p. 20).

Concluimos, a partir do posicionamento apresentado, que não são possíveis resultados satisfatórios se o trabalho for feito de forma isolada e conceitual, mas sim se for feito de forma interativa e transformadora. É na ação de melhorar seu texto que o aluno vai perceber a estrutura linguística e os operadores semânticos que tornam seu texto coeso e coerente. Também cabe destacar no processo de interligar teoria e realidade, os estudos da Sociolinguística, que, conforme apontam as autoras Mollica e Braga (2013):

[...] é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso numa comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 08).

Breve análise dos textos selecionados e o contexto histórico do conto

O ato de contar histórias faz parte da humanidade desde os tempos mais remotos a nós, o ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto”, por

exemplo, é carregado de significação e cultura, visto que passar histórias de vida para o outro é cultural, histórico e familiar. Acredita-se pelo entendimento do dito popular, que, quando repassamos experiências de vida ou algo que presenciamos/ouvimos, ganhamos e doamos muito.

Um dos primeiros e maiores exemplos que temos é a bíblia sagrada. Nela se narra a história da criação do mundo, do homem, ensinamentos e da vida de Jesus na terra. Na pré-história o homem já fazia seus registros por meio das pinturas rupestres, desenhos feitos nas paredes de suas cavernas, que narravam por meio de uma sequência de imagens suas histórias de vida. Outro exemplo são os mitos, verdades criadas pelo homem e repassadas de geração após geração para justificar a existência de fenômenos até então desconhecidos pela ciência.

Buscar explicações, contar e recontar histórias, sempre foi uma característica marcante da humanidade. A própria palavra “conto” significa narração falada ou escrita de algo que aconteceu. Porém se definiu como gênero textual e literário no século XIX, iniciaram-se seus estudos nos Estados Unidos onde foi designado como ‘*Short Story*’, que traduzindo refere-se a uma narrativa curta.

O texto narrativo evoluiu até chegar em sua forma atual, os principais elementos que o definem são o espaço onde ocorrem os fatos e se dá o enredo da história narrada, as personagens, sujeitos que participam da ação, o ponto culminante denominado de clímax, o conflito, que são as problemáticas que desencadearão em soluções e, finalmente, em um desfecho para o texto.

Os contos “O Bom Dragão” (2009), de Santiago Villela Marques, e “Chapeuzinho Amarelo” (2004), de Chico Buarque, são repletos de temáticas em comum, que abrem espaço para uma discussão sobre os aspectos abordados. Evidenciamos aqui o tratamento de ambos para um sentimento revelado nos dois textos: o medo, conforme pode-se constatar no seguinte trecho:

Azulino tinha tanto medo de machucar os outros que nunca saía de casa. Ele passava o dia inteiro trancado na caverna e brincando sozinho. Às vezes, arriscava abrir uma fresta da porta e meter fora o nariz para respirar um pouco de ar fresco. Mas, era só ver alguém passando que logo se encolhia de novo. Vai que assustasse o viajante com sua cara de dragão ou queimasse um bichinho inocente com seu bafo de fogo! Azulino morava com três irmãos: Pimenta, O Dragão Vermelho; Mostarda, o Dragão Amarelo; e Cebola, o Dragão Verde. Os quatro eram os últimos dragões que ainda existiam no

mundo. Mas os irmãos de Azulino eram diferentes do Dragãozinho Azul. (MARQUES, 2009).²

Observa-se que Azulino, personagem principal no texto “O Bom Dragão, fica preso dentro da caverna, pois sente “medo” de machucar as pessoas e causar destruição, assim como seus irmãos dragões. Por essa razão permanecia sozinho, para não enfrentar seu temor diante de tudo que vivenciou interiormente. Porém no decorrer da história ele é movido pelo sentimento de solidariedade e resolve sair da caverna do “medo”, é nesse momento que os fatos se desenrolam de maneira positiva, ao vencer o medo que o domina, Azulino salva a natureza e os animais.

Ele percorre um caminho de desafios e em todos os momentos presta sua ajuda para os animais em desespero. Quando o dragão que comanda a todos lança um desafio para não os exterminar, as tarefas são quase “impossíveis”, no entanto, o bem retorna, e Azulino recebe ajuda de todos que ajudou anteriormente e apesar de perder seus irmãos recebe sua recompensa, pois é o único que continua vivo, porque ele é transformado em um arco-íris e perpetua as cores de todos os seus irmãos.

E assim, quando chove, é só olhar para o céu. Dá para ver a cauda enorme de azulino descendo das nuvens até o chão. Todo cheio de cores brilhantes, ele cumprimenta os amigos aqui embaixo. Os homens de hoje chamam o rabo de Azulino de arco-íris. Que é isso, gente! Será que ninguém reconhece mais um dragão, quando vê? (MARQUES, 2009).³

É um desfecho que desafia o leitor, Azulino, personagem principal do conto, é uma metáfora da superação, pois convida o público a reavivar suas esperanças, acreditar em um mundo melhor, na superação e enfrentamento de suas convicções e medos.

O autor finaliza a narrativa com um desafio que desperta para novas produções, criando um ambiente que lança, motiva rumo a ação. O leitor é convidado a reescrever sua história e a criar novos enredos para o conto, “Gostaram do conto? Gostei dos ouvintes. O meu está pronto. Quem conta o seguinte?” (MARQUES, 2009).⁴

O conto “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque, também é iniciado com a questão que permeia toda a narrativa, o medo da personagem de enfrentar a vida lá fora.

Era a Chapeuzinho Amarelo. Amarelada de medo. Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho. [...] O medo mais que medonho era o medo do tal do

² Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/varal2019/obomdragao.pdf>. Acesso em: 11/06/2019.

³ Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/varal2019/obomdragao.pdf>. Acesso em: 11/06/2019.

⁴ Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/varal2019/obomdragao.pdf>. Acesso em: 11/06/2019.

LOBO. Um LOBO que nunca se via [...] Aí, Chapeuzinho encheu e disse: “Para assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!” E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava, já não era mais um LO-BO. Era um BO-LO. [...]. Mesmo quando está sozinha, inventa uma brincadeira. E transforma em companheiro cada medo que ela tinha. (HOLANDA, 2004, p. 36).

A temática retrata também o medo da personagem, porém, assim como no conto “O Bom Dragão”, ela enfrenta seu medo, transformando em companheiros todos os monstros que inicialmente a perturbavam. Ambos os textos trazem uma versão diferenciada do conto, são narrativas repletas de rimas que prendem ainda mais a atenção do aluno. Porém, mesmo com a presença da poesia, mantêm intactas todas as características do gênero conto, como enredo, personagens, narrador, clímax, conflito e o desfecho com as conclusões de problemáticas tratadas no decorrer da narrativa.

Ainda sobre as características intertextuais dos contos em análise, as personagens principais de ambos, Azulino e Chapeuzinho Amarelo, têm como característica marcante e comum a superação de seus temores, por meio do enfrentamento de sua “imaginação” e na execução das ações diárias. Os contos trazem ensinamentos e reflexões importantes, bem como várias temáticas da atualidade, nas quais nosso aluno se insere, uma delas é sobre a importância da criticidade e principalmente do esforço e determinação para se alcançar objetivos de vida.

Sequência didática: aplicação em sala de aula e resultados observados

O conjunto de atividades proposto foi organizado a partir do gênero textual conto. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar um aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

Apresentação da situação (2 aulas)

Sentados em forma circular, iniciou-se um diálogo com os alunos, explicou-se que deveriam contar algo que ouviram, viram ou presenciaram. Após essa explicação ouviu-se todos os alunos, perguntou-se sobre o que observaram na fala do outro, e em alguns momentos os colegas participaram da história, em outros apenas observavam,

mas principalmente todos narraram uma história. Socializou-se, então, o gênero a ser estudado: o conto.

Lembrou-se que os tipos textuais se subdividem em diversos gêneros, e que isso diz respeito às características pertinentes a cada um. Questionou-se ainda sobre o que é conto e anotamos na lousa todas as respostas dadas por eles.

A partir do conhecimento prévio do aluno sobre o gênero estudado, explicamos e entregamos um resumo aos alunos sobre o que é e quais as características textuais do objeto de estudo, bem como sobre todos os elementos que compõem o texto narrativo, visto que, “a apresentação da situação é, portanto, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.99).

Produção inicial (4 aulas)

Como modelo da estrutura e motivação para a produção inicial, foi realizada, pela professora, uma leitura dramatizada do conto, “O Bom Dragão” (2009), do autor Santiago Villela Marques. Uma das propostas da produção inicial consiste na apresentação de um problema bem definido, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 99), “para esclarecer as representações dos alunos, podemos, inicialmente, pedir-lhes que leiam ou escutem um exemplo do gênero visado”. Após um debate sobre as temáticas presentes no conto, foi proposta a produção inicial de um conto que poderia ser, inclusive, a continuação da história lida.

No desfecho da história dramatizada pela professora, foi lançado um desafio interessante, pois o narrador/autor desafia o leitor a continuar a escrita ou a reinventar novos enredos, “gostaram do conto? Gostei dos ouvintes. O meu está pronto. Quem conta o seguinte”? (MARQUES, 2009).⁵ O ambiente motivador e mágico criado no conto constituiu um ponto de partida interessante e motivador, pois é neste ponto que se criaram possibilidades para a continuidade, “para nós, essa foi a essência da avaliação formativa. Desta forma, a produção inicial pôde “motivar” tanto a sequência quanto o aluno (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004). Os alunos demonstraram muito

⁵ Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/varal2019/obomdragao.pdf>. Acesso em: 11/06/2019.

interesse nos tópicos estudados e na temática do conto. Seguem abaixo duas produções iniciais realizadas por eles:

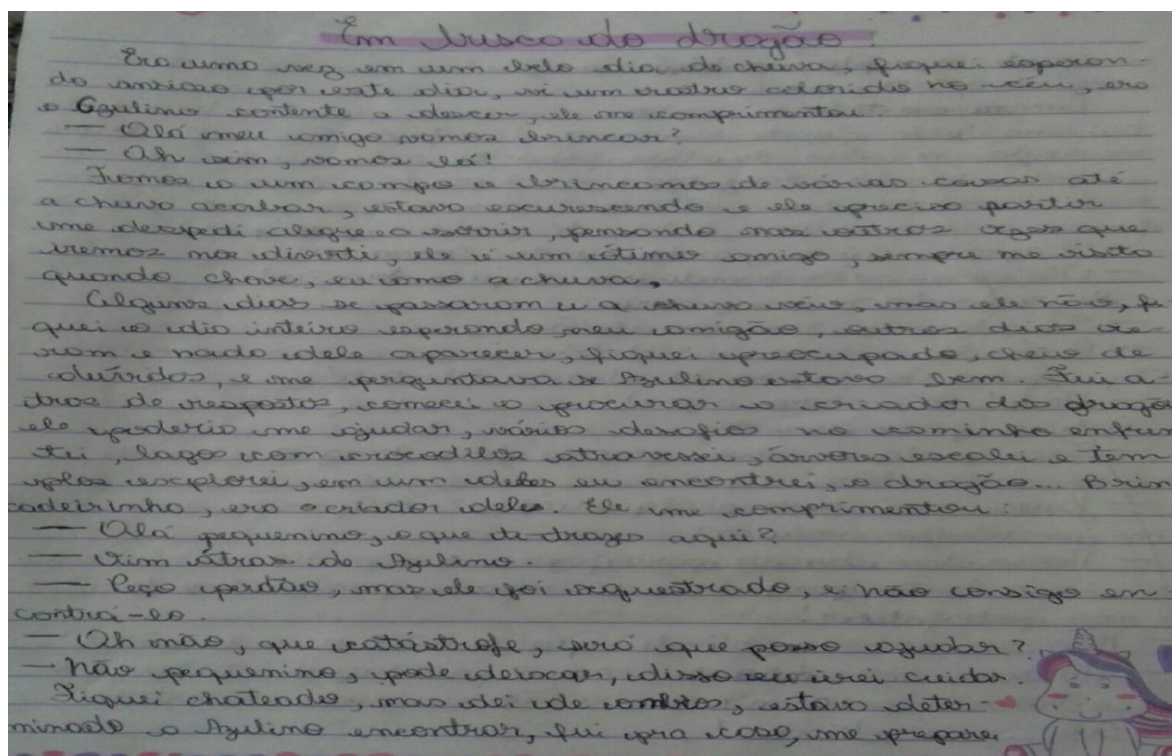


Imagem: 1. Título: Em busca do dragão.

Registro fotográfico da pesquisadora.

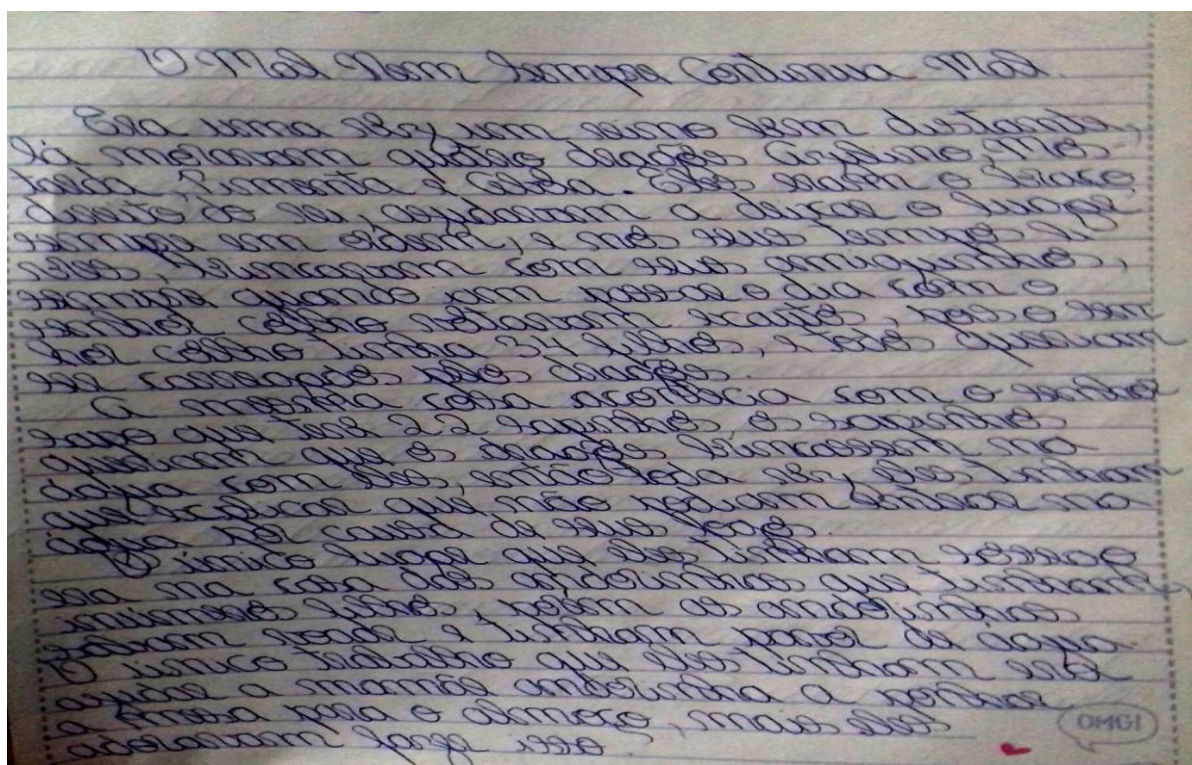


Imagem: 2. Título: O mal nem sempre continua mal.

Registro fotográfico da pesquisadora.

Observa-se, nas produções, que os alunos compreenderam a estrutura inicial do conto, nas imagens 1 e 2 temos trechos de dois contos produzidos, “Em busca do dragão” e “O mal nem sempre continua mal” neles os alunos continuam de forma coerente o conto trabalhado, caracterizam as personagens, desenvolvem a narrativa e criam um desfecho.

É possível notar alguns desvios ortográficos, porém nesse momento focou-se nas características do gênero e, principalmente, na capacidade de produção, tendo em vista que mais adiante trabalhar-se-á a refacção textual em uma análise mais detalhada.

Módulo 1 (2 aulas)

Fez-se, inicialmente, uma breve revisão da aula anterior, sobre os principais tópicos abordados, sobre os elementos da narrativa e realizou-se uma conversa para reforçar a sequência didática proposta para as próximas aulas, para esclarecer também que o trabalho objetivava esclarecer dúvidas e aprender através de uma construção coletiva, por meio da leitura, escrita e refacção textual.

Em seguida, foram feitas algumas perguntas sobre a experiência de escrever um conto. Todos se mostraram entusiasmados e a maioria demonstrou interesse em contar para os colegas sobre o que escreveu. Fizemos então uma roda de leitura na sala, colocamos os textos em uma mesa e cada aluno escolhia um para fazer a leitura.

Foi uma atividade prazerosa e muito reflexiva, provando a importância da atividade epilinguística na reflexão e prática efetiva da linguagem. Segue abaixo mais uma imagem de um dos textos da produção inicial, lido pelos alunos:

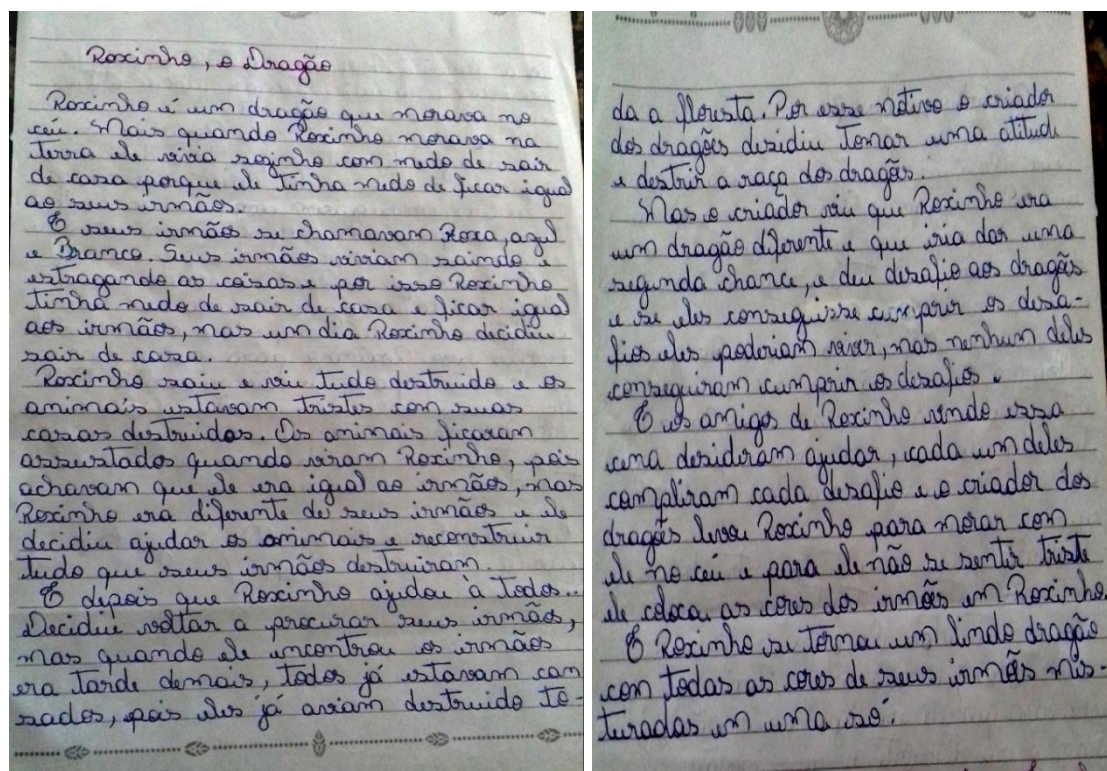


Imagem: 3. Título: Roxinho, o dragão.
Registro fotográfico da pesquisadora.

A imagem 3, traz como título, “Roxinho, o dragão”, observa-se aqui os personagens antagonistas e o protagonista. O aluno conta a história de um dragão que foi morar no céu por medo de causar mal aos animais e à natureza. A narrativa se desenrola e o dragão resolve voltar para a terra e ajudar seus amigos, no desfecho, ele volta ao céu e representa, assim como no conto trabalhado na apresentação inicial, um lindo arco-íris com as cores de todos os seus irmãos.

Módulo 2 (4 aulas)

Realizou-se nesta aula a leitura e interpretação de um segundo texto do gênero conto. O conto poético de Chico Buarque (2004), “Chapeuzinho Amarelo”. A leitura foi coletiva, em seguida, levantou-se um debate sobre o texto, e, quando questionados sobre o tema central do conto, os alunos logo responderam que se tratava do “medo”, assim como no conto anterior. Eles compararam os personagens Azulino e Chapeuzinho apontando características em comum, como a superação de seus medos no desfecho da história.

Explicamos aos alunos sobre o conceito de intertextualidade e perguntamos se o conto lhes lembrava algo conhecido, os alunos logo responderam que se tratava de “Chapeuzinho Vermelho”, esclareceu-se então que existem outras versões de uma obra e que o processo de um texto citar outro denomina-se intertextualidade.

Passamos algumas questões interpretativas no quadro, sobre os elementos do texto narrativo presentes na obra. A última questão era a produção de uma nova versão do conto estudado. Seguem abaixo duas produções dos alunos:

Carla Gomes Junior 84

A Chapeuzinho Rosa com bolinhas brancas.

Em uma vez, em um pequeno vilarejo em uma grande floresta, já morava um menino muito alegre que vivia fazendo peluches e festas, sua característica principal era seu capuz decorado com bolinhas brancas, ele tinha servido das velhinhos mais travessos que haviam ali, sua mãe o chamou para pedir a ele um favor.

— Filho venha aqui, preciso de um favor seu.

Ele se aproximou do mãe que lhe deu uma cesta de doces e falou:

— Tive estes doces para sua avó que está doente, e lembre-se de ir pelo caminho da direita que vai dar direito no caso da sua avó.

A menina pegou seu kit do alegria vestiu o seu capuz rosa de bolinhas brancas e colocou a cesta no braço e saiu saltitando e cantando para casa de sua avó, depois de muito saltitar e cantarolar ela finalmente encontrou os dois caminhos, o da direita era o caminho a seguir, mas como faltava muito para chegar ela foi brincar no caminho da esquerda, que era todo coberto de flores e borboletas maravilhosas, ela se divertiu tanto que quando se tornou já estava de noite, ela ficou assustada, e não sabia o que fazer ela começou a andar sem rumo até esbarrar em algo grande e peludo.

— Cuidado, menina! Olhe por onde anda!

— Oh, me desculpe, é que eu não consigo enxergar nada.

— Não tem problema, você está perdida?

— É, não! acho que sim.

— Eu posso te ajudar se você me der alguma coisa

para comer.

— Claro!

Ele deu um docinho para ela, e falou onde era o caso da avó dele, como o lobo encherengo a noite foi bem fácil de chegar lá, como já estava muito tarde a avó do menino já estava dormindo, então a menina pediu para o lobo esperar no solo, enquanto ela preparava algo para eles comerem, quando ele voltou e viu o lobo com uma travessa gigante ele lançou um olhar de espanto e correu para ver se a avó dele estava no quarto mesmo, e quando ligou a luz, não viu a avó dele lá, e quando veio para perto o lobo estava lá pronto para devorá-lo ele não teve escapatória o lobo a devorou, agora estavam dentro do lobo a avó e ela, eles estavam assustados, mas o chapeuzinho logo lembrou do seu kit do alegria e tirou de lá uma peneira e começou a jogar docinhos no lobo que a vomitou para fora os dois o lobo começou a fugir, mas o garoto tirou-lhe uma tábua nos costos e trocou a caiu no chão o menino tirou uma corda de lençóis do seu kit e amarrou o lobo, ele chamou o capador que deu um fim no lobo e todos viveram felizes por sempre. Quem diz que, coisas que nos fazem rir / seriam tão eficazes contra lobos.

Imagem: 4. Título: A Chapeuzinho Rosa com bolinhas brancas.

Registro fotográfico da pesquisadora.

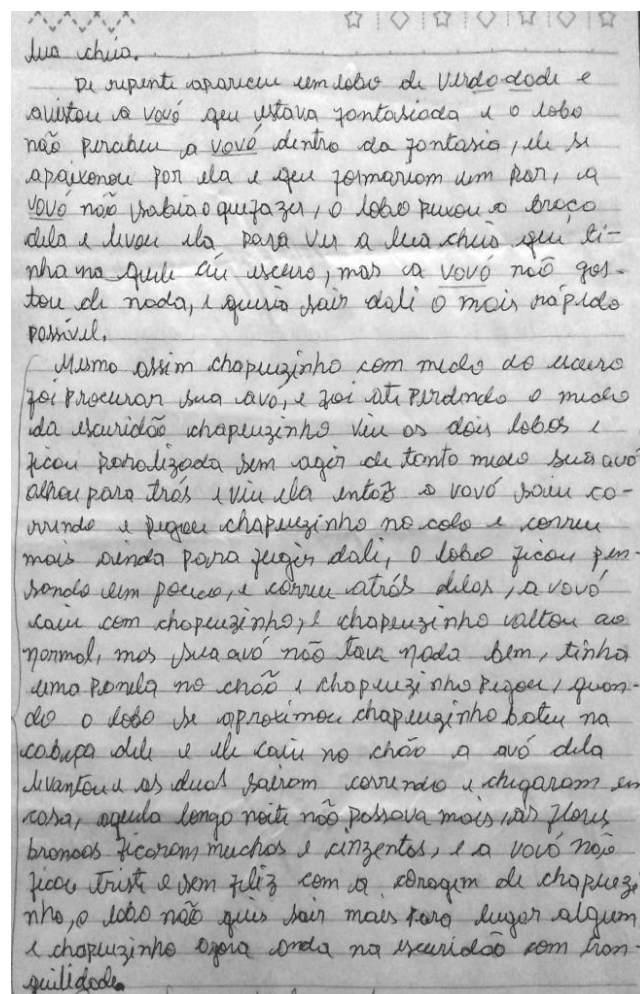
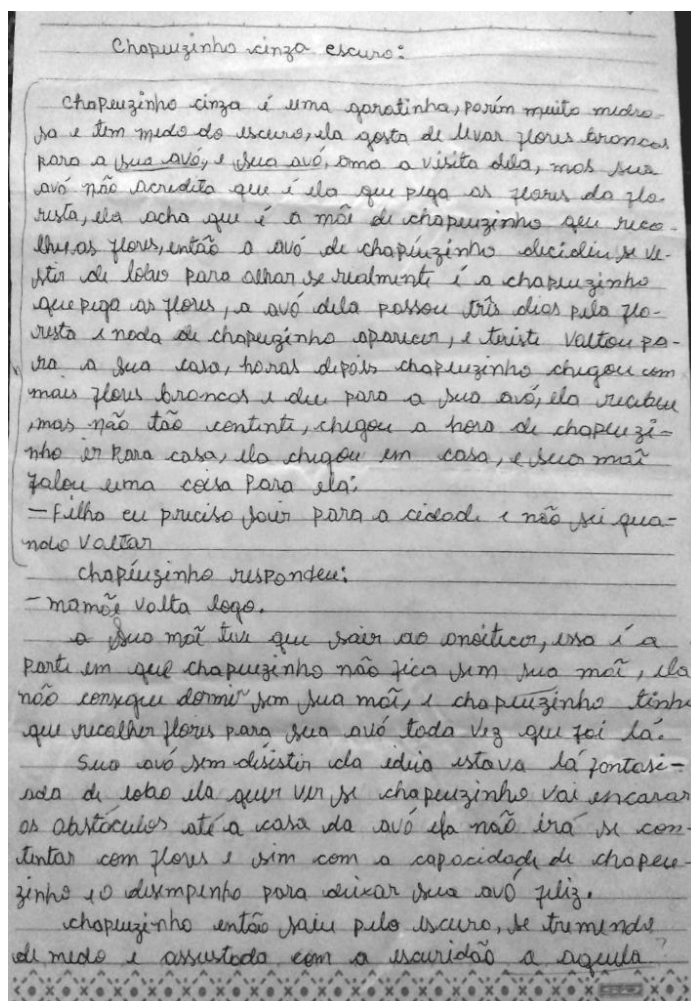


Imagem: 5. Título: Chapeuzinho cinza escuro.
Registro fotográfico da pesquisadora.

Nas imagens 4 e 5, os alunos produziram um texto a partir do conto “Chapeuzinho Amarelo”. Desta vez percebeu-se que o progresso na escrita foi ainda maior, pois, a partir da leitura e observação de um texto do gênero estudado, eles compreenderam melhor os elementos da narrativa e, conseqüentemente, incorporaram tudo que observaram às suas produções.

Módulo 3 (4 aulas)

No intervalo entre as aulas, foram realizadas algumas correções e apontamentos pela professora nos textos dos alunos, nesse momento propõe-se aos alunos uma refacção textual. De posse de dicionários, e do conteúdo estudado sobre a

estrutura do gênero conto, os alunos analisaram e reescreveram os textos produzidos por eles nas atividades iniciais.

Elencou-se, também, no quadro algumas questões que deveriam observar para a reflexão e refacção dos textos:

- As personagens foram adequadamente caracterizadas?
- Existe um ambiente para a sua narrativa?
- Tem algum conflito para a (s) personagem (ns)?
- Qual é o clímax do seu conto?
- As ideias foram desenvolvidas de forma clara e objetiva?
- Seu conto tem um título criativo?
- As palavras foram escritas de forma adequada?
- Seu texto está coeso e coerente?

Módulo 4 (4 aulas)

Inicialmente abordou-se sobre a variação linguística, explicando que ocorrem mudanças históricas na língua, para complementar a explicação, passamos vários exemplos, entre eles citou-se *vossa mercê*, *vós mercê* e atualmente *você*. Neste momento os alunos lembraram que nas redes sociais usam mais a abreviação “vc”. Falamos da variação regional, enfatizando o uso de palavras distintas com um mesmo significado, como nos vocábulos mandioca, macaxeira e aipim.

Os alunos interagiram citando exemplos de suas regiões. Em seguida, abordamos sobre as variações sociais, eles participaram e contribuíram com exemplos, entre eles “mano”, “pode pá”, entre outros. Concluímos explicando sobre a variação de estilo, explanando as diferenças entre linguagens formal e informal, coloquial e culta, bem como as situações de uso de cada uma.

Dividiu-se a turma em quatro grupos, considerou-se os estados de onde eram advindos os alunos ou suas famílias. Cada um representando uma variedade: gaúcha, paraense, mato-grossense e maranhense. Neste momento, colocamos músicas de estilos representantes de cada região, após identificá-la o aluno deveria falar o nome do estado,

foi interessante e muito produtiva a atividade. Na sequência, foi entregue um resumo com as expressões mais usadas nas regiões correspondentes aos grupos.

Produção final (4 aulas)

De posse do material, os alunos foram orientados a adicionar as expressões que conheciam, considerando que os componentes da sala vieram de um dos estados trabalhados. Na continuidade da sequência didática, a atividade foi uma produção coletiva de um texto do gênero conto, as personagens do conto deveriam ser naturais do estado correspondente ao grupo, por isso usaram a variedade de sua região.

Seguem abaixo alguns textos da produção dos grupos, relativos ao fechamento da sequência proposta:

Variedade mato-grossense

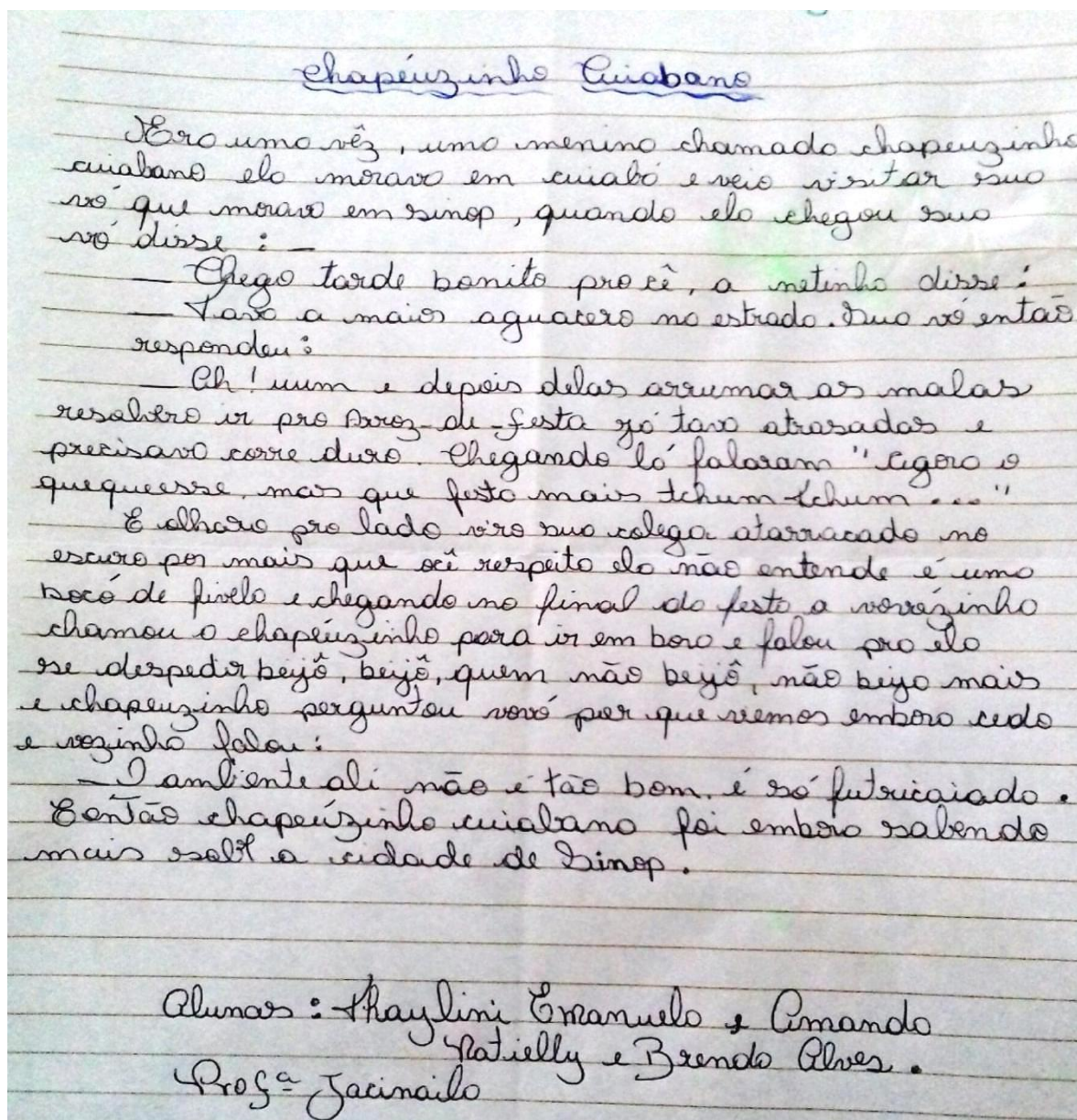


Imagem: 6. Título: Chapeuzinho Cuiabano. Registro fotográfico da pesquisadora.

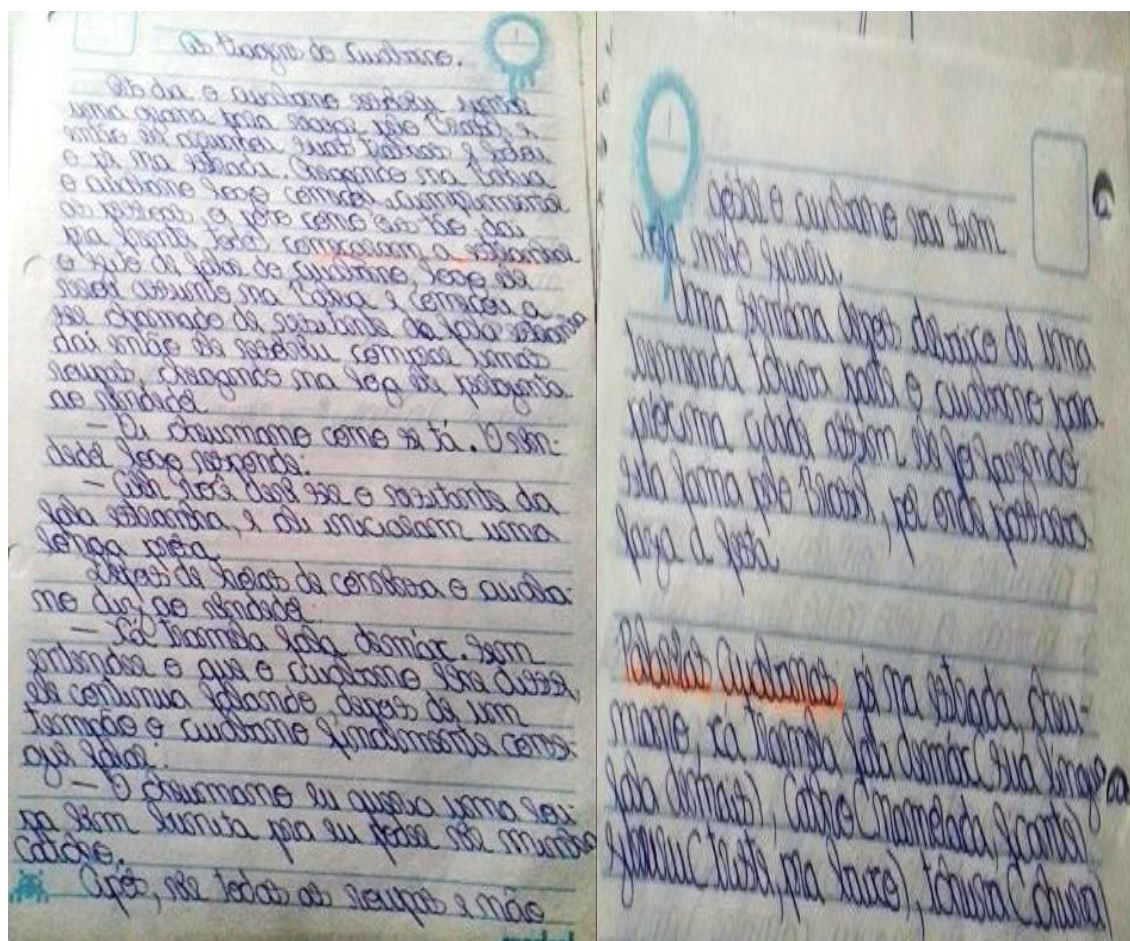


Imagem: 7. Título: As Viagens do cuiabano.
Registro fotográfico da pesquisadora.

As imagens 6 e 7 são exemplos que compõem as produções dos componentes do grupo da variedade mato-grossense, nos dois textos observa-se que eles utilizam palavras e expressões que fazem parte da variedade linguística cuiabana. Usam expressões como: “bonito pro cê”, “futricaiada”, “quem não beijo, não beija mais”. A estrutura do texto narrativo está adequada, a variação linguística foi retratada e compreendida pelos alunos, conforme observamos na escrita, eles retrataram a oralidade de acordo com a fala cuiabana,

Variedade paraense

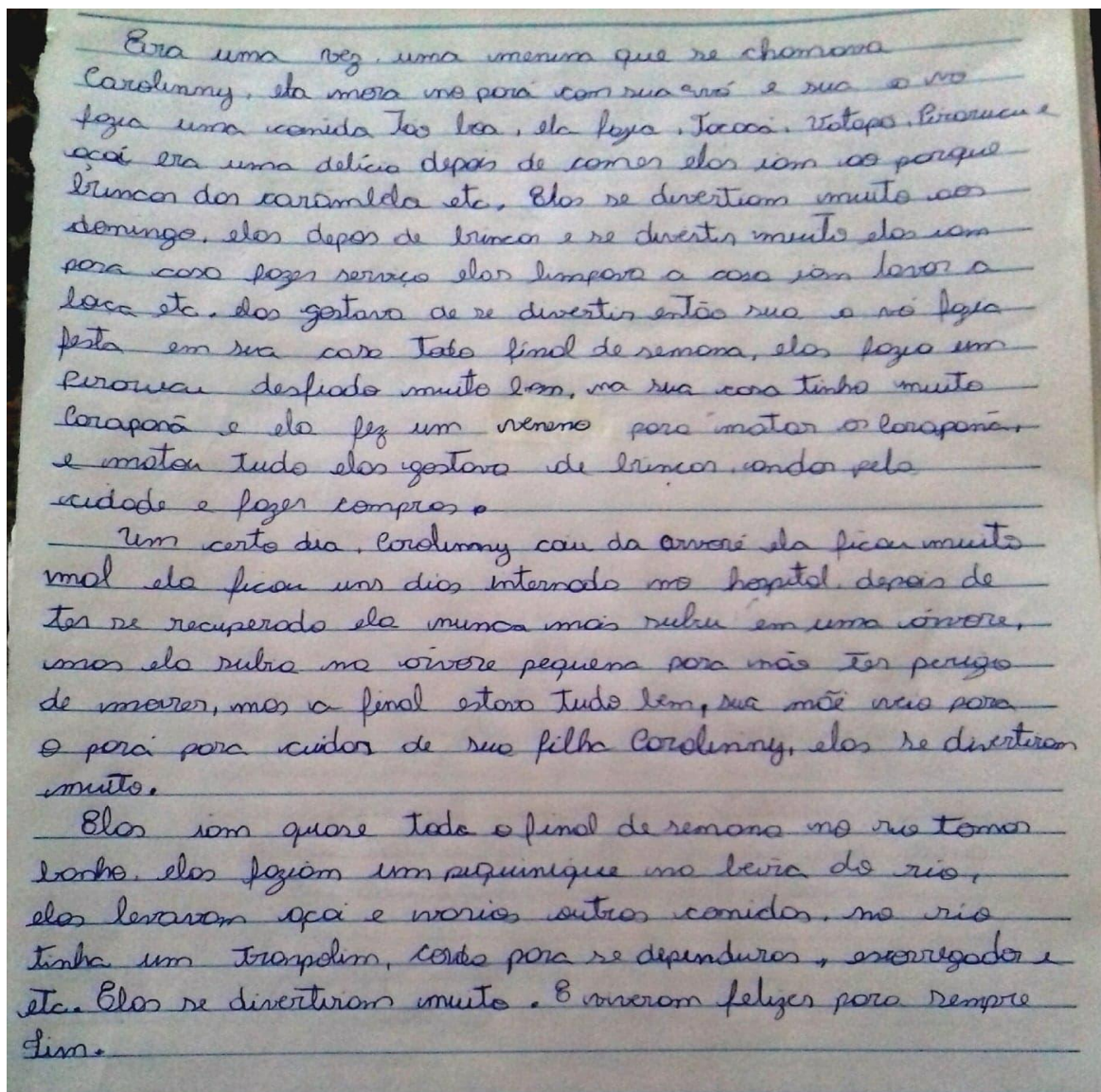


Imagem: 8. Título: Comida da vovó.
Registro fotográfico da pesquisadora.

O grupo representante da variedade paraense citou vários pratos típicos desta região, como tacacá, tucupi, vatapá, pirarucu (peixe) e o açaí. Falaram ainda sobre os banhos no rio, retratando a riqueza natural do estado do Pará.

Variedade gaúcha

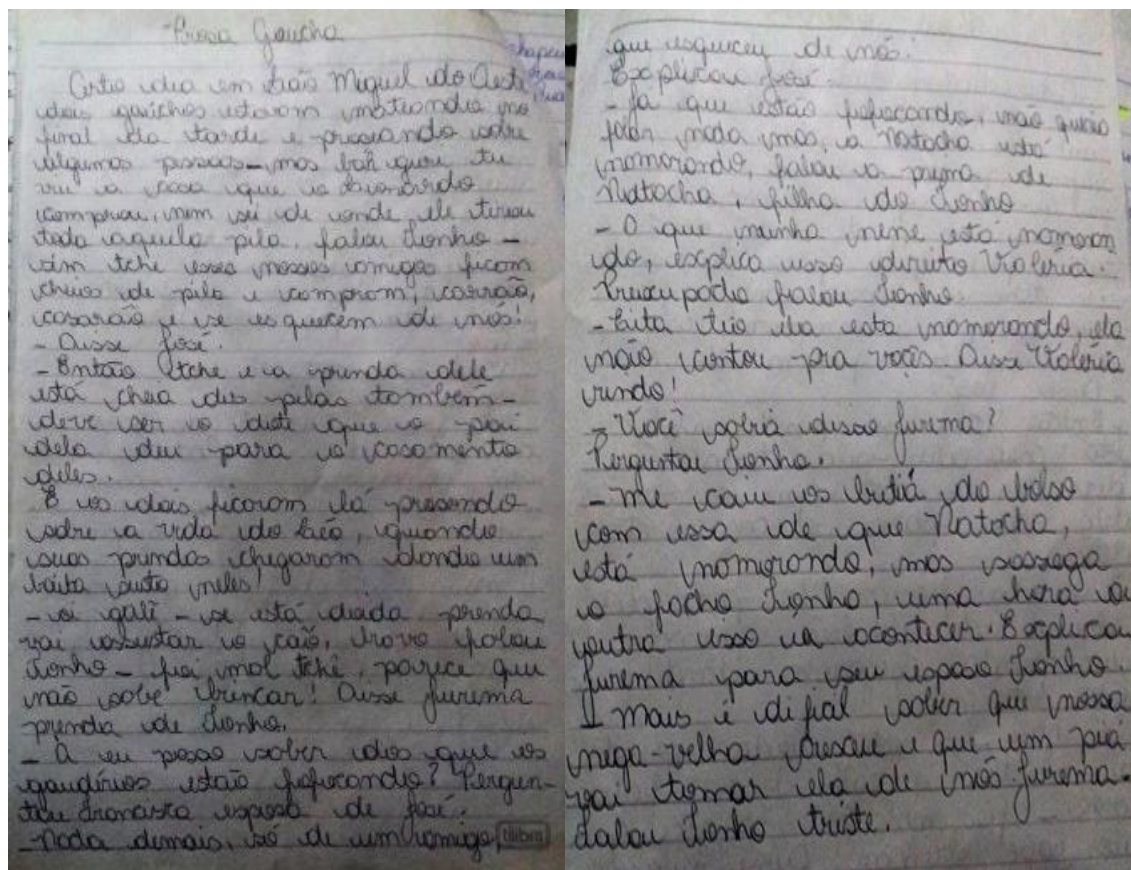


Imagem: 9. Título: Prosa gaúcha.
Registro fotográfico da pesquisadora.

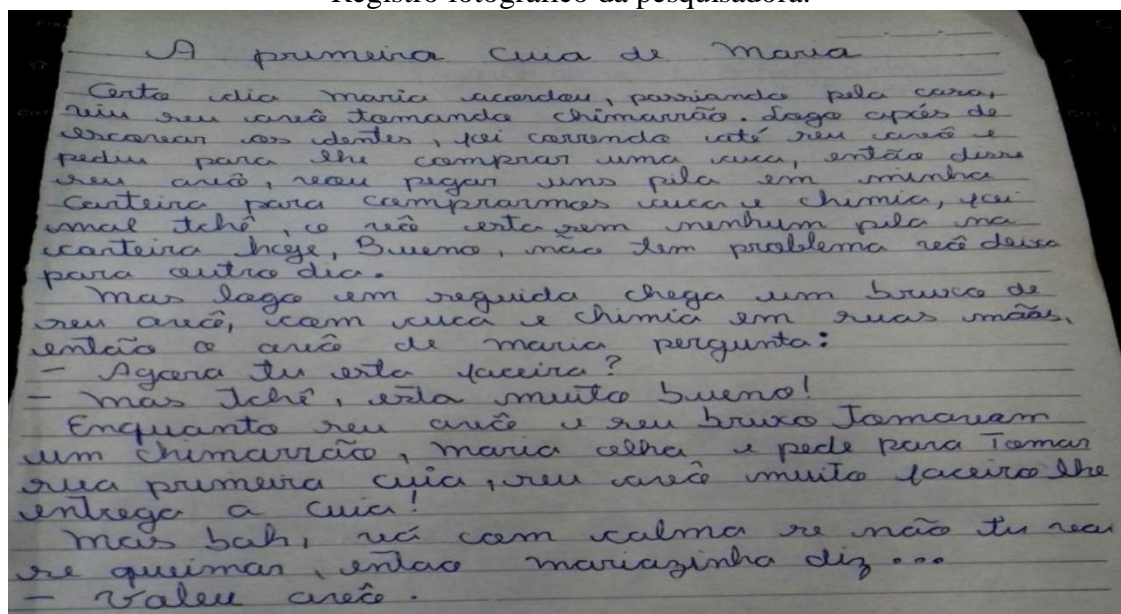


Imagem: 10. Título: A primeira cuia de Maria.
Registro fotográfico da pesquisadora.

As imagens 9 e 10 referem-se às produções da variedade gaúcha, os alunos utilizaram expressões conhecidas do falar da região. Também retrataram a cultura local com personagens que se comportam de acordo com a tradição. Observa-se isso pelas expressões: “tchê”, “báh”, “cuia”, “chimarrão”, “faceira”, o uso do pronome “tu” ao invés de você, entre outras.

Variedade maranhense

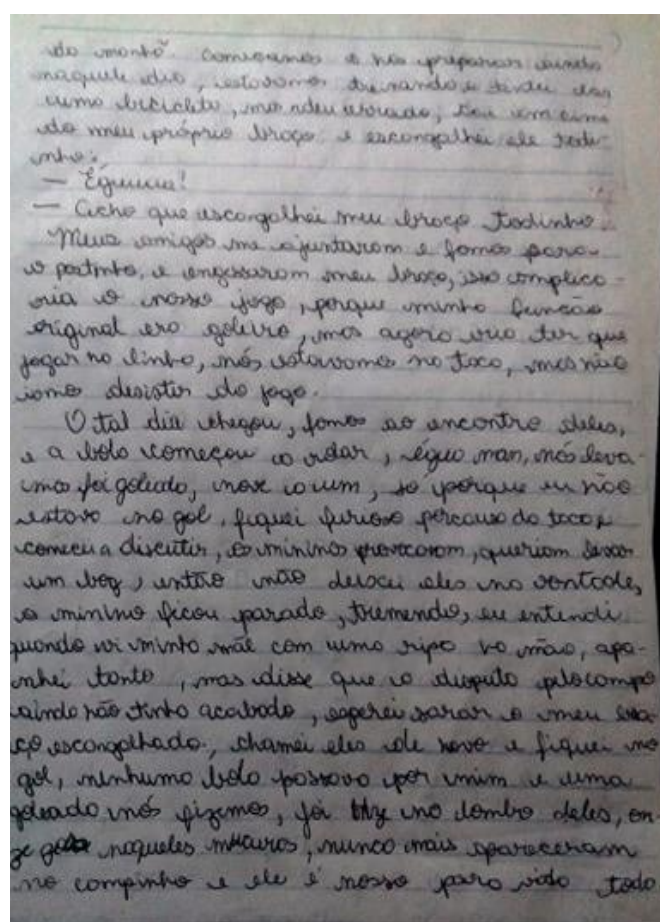
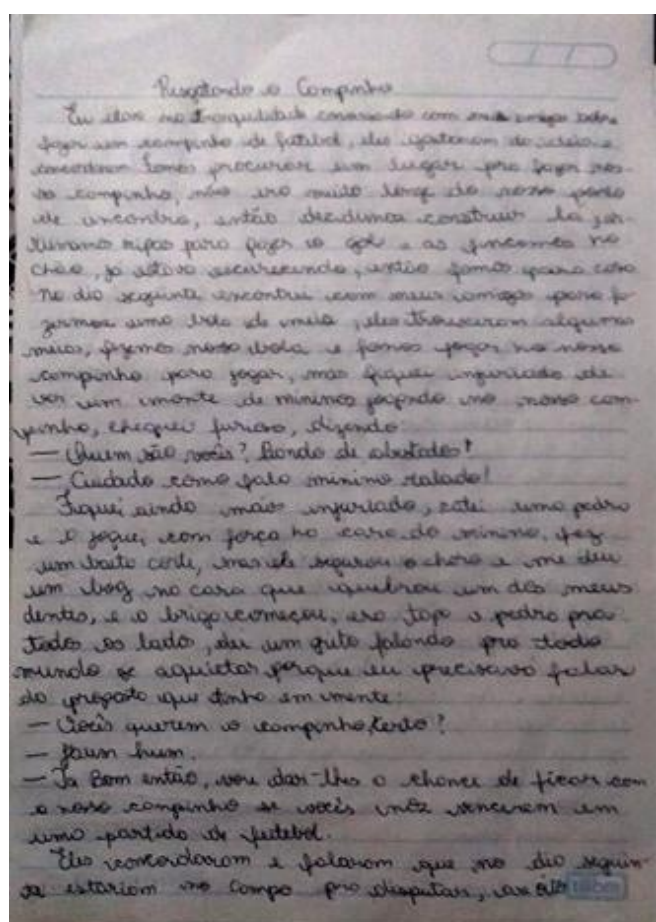


Imagem: 11. Título: Resgatando o campinho.
Registro fotográfico da pesquisadora.

Os alunos que representaram a variedade maranhense trouxeram em seus textos marcadores linguísticos muito utilizados na fala do estado, como, por exemplo: “hum hum”, “éguaaaa”, “abestado”, “minino”. Os contos cumpriram os requisitos pré-estabelecidos, de representarem a variedade de cada região. Quanto aos aspectos

gramaticais normativos de ortografia, concordância, coesão e coerência, foram trabalhados de forma gradual e de acordo com as inadequações mais recorrentes nos próprios textos.

Em consonância aos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 118), “sem querer negar a importância da ortografia, é necessário atribuir-lhe seu devido lugar: um problema de escrita sem dúvida, mas que, como tal, deve ser tratado, de preferência no final do percurso, após o aperfeiçoamento de outros níveis textuais”. No momento da refacção textual, que foi em seguida, os alunos foram convidados a refletir e inferir sobre o texto, aperfeiçoando-o de acordo com a situação de uso.

Seguem abaixo algumas imagens de textos dos alunos após a refacção, que foram publicados e estão disponíveis na página:
<https://www.facebook.com/ProfJacinaila/>.

**Baú de ideias da prof Jaci**

...

Ontem às 12:17 PM •

Chapeuzinho Verde-Limão

Gabrielly de Oliveira Passaglia - 9º H

A bela Chapeuzinho Verde-Limão, com muita má vontade, levava em uma sacola os remédios para sua avó. Eram medicamentos para controlar diabetes.

Chapeuzinho detestava ir à casa de sua avó, porque ela deveria seguir uma trilha na mata, não gostava da natureza, a menina de pele tão branquinha reclamava de tudo que via.

O canto dos pássaros não a comovia, a irritava. Na cidade ela até gostava, mas no meio do mato não tinha graça nenhuma.

Ela era uma menina urbana e moderna, preferia passear no shopping e ficar olhando as vitrines das lojas, como toda garota, gostava de andar sempre muito bem arrumada.

Só visitava sua avó quando era obrigada por sua mãe. Finalmente, atravessou a floresta, chegou a casa de sua avó que vivia sozinha.

Chapeuzinho bateu na porta várias vezes, sua avó não atendia, resolveu entrar pela janela que estava aberta.

Quando entrou dentro da casa encontrou sua avó deitada sobre a cama, mas logo entrou em desespero, pois ela estava gelada, não respirava, estava morta. A menina entrou em pânico, pois mesmo dizendo que não gostava dela, gostava muito, escondia porque não sabia do amor de sua avó por ela.

Chapeuzinho procurava um telefone para ligar para sua mãe, achou uma carta escrita por sua avó, nessa carta dizia: 'Minha neta,

não importa o que aconteça, quando estiver triste ou desanimada lembre-se que eu te amo muito, mesmo você não gostando de mim e sendo essa menina rebelde, saiba que lá de cima estarei cuidando de você. Provavelmente quando estiver lendo essa carta, não estarei mas aqui, então te peço que pare de ser essa menina revoltada com a vida'.

Chapeuzinho entrou em uma crise de choro, passaram algumas horas, ela se recompôs encontrou um telefone e ligou para sua mãe.

Alguns anos se passaram... e Chapeuzinho nunca mais foi a mesma, mudou muito. Encontrou o amor de sua vida, construiu sua família, e viveu feliz da vida.

Oi, eu sua a menina conhecida como Chapeuzinho Verde-Limão estou aqui para deixar um recado para vocês:

'Ame seus pais, seus avós, sua vida, seus amigos.

Seus pais, porque são únicos.

Seus avós, porque seu amor é infinito.

Sua vida, porque é curta demais.

Seus amigos, porque são raros.

Imagem: 12. Título: Chapeuzinho Verde-Limão.

Registro fotográfico da pesquisadora.

**Baú de ideias da prof Jaci**

Publicado por Jacinaila Ferreira

8 de junho às 23:59 · Facebook for Android ·

...

A Chapeuzinho Rosa com Bolinhas Brancas

Aluna: Carla G. Ferrari

Era uma vez, em um pequeno vilarejo, numa grande floresta, morava uma menina muito alegre que vivia fazendo palhaçadas e festas, sua característica principal era seu capuz divertido, rosa com bolinhas brancas, ela tirava sorrisos dos velhinhos mais ranzinzas que haviam ali, sua mãe a chamou para pedir um favor:

__ Filha venha aqui, preciso de um favor seu !

Ela se aproximou da mãe, que deu-lhe uma cesta de doces e falou:

__ Leve esses doces para a sua avó que está doente, e lembre-se de ir pelo caminho da direita, pois vai dar direto na casa de sua avó.

A menina pegou o seu kit da alegria (algumas coisas que ela usava para fazer palhaçadas), vestiu seu capuz rosa de bolinhas brancas, colocou a cesta no braço e saiu saltitando e cantarolando para a casa de sua avó, depois de muito saltitar e cantarolar, ela finalmente encontrou os dois caminhos, o caminho da direita era o caminho a seguir, mas como faltava muito para escurecer ela foi brincar no caminho da esquerda, que era colorido de flores cheirosas e borboletas maravilhosas, ela se divertiu tanto que quando se deu conta já estava de noite, ela ficou assustada, e não sabia o que fazer, então começou a andar sem rumo até esbarrar em algo grande e peludo.

__ Cuidado mocinha ! Olhe por onde anda!

__ Oh, me desculpe, é que eu não consigo enxergar nada.

__ Não tem problema, você está perdida?

__ É ha ha ! Acho que sim.

O lobo viu que ela tinha uma cesta de doces e se aproveitou da situação.

__ Eu posso te ajudar, se você me ajudar com alguma coisa para comer.

__ Claro !

Ela deu um doce para ele, e falou onde era a casa de sua avó. Como o lobo enxergava muito bem a noite, foi bem fácil chegar lá.

Como já estava muito tarde da noite, a avó da menina já estava dormindo, então ela pediu para o lobo esperar na sala, enquanto preparava algo para eles comerem. Quando ela voltou, viu o lobo com uma barriga gigante e lançou um olhar de espanto, chapeuzinho correu

rapidamente para verificar se sua avó estava mesmo dentro de seu quarto, e quando ligou a luz, não viu sua avó, quando virou para a porta, para procurar em outro lugar, o lobo estava lá, pronto para devorá-la, ela não teve escapatória, o lobo a devorou ! Agora estavam dentro da barriga do lobo, a menina e a avó.

Elas estavam muito assustadas, mas precisavam sair dali, então chapeuzinho lembrou do seu kit da alegria, tirou de lá uma pena, e começou a fazer cócegas no lobo, que de tanto rir, as vomitou. O lobo tentou fugir, mas foi interrompido pela garota que tacou uma torta, de seu kit, nas costas dele, ele tropeçou e caiu no chão, a menina tirou uma corda de lenços também de seu kit, e amarrou o lobo, para que ele não se movesse enquanto chamava o caçador, o caçador veio e deu um fim no lobo, e todos puderam viver tranquilos para sempre. Quem diria que coisas que nos fazem rir, seriam tão eficazes contra lobos.

#Projetos EE Zeni Vieira

#Sequência #didática

Imagem: 13. Título: A Chapeuzinho Rosa com Bolinhas Brancas.
Registro fotográfico da pesquisadora.



Baú de ideias da prof Jaci

 Público

A viagem do cuiabano

Aluna: Camila Lazarotto

Certo dia o cuiabano resolveu juntar uma grana para viajar pelo Brasil e então ele arrumou suas tralhas e botou o pé na estrada. Chegando na Bahia o cuiabano logo começou a cumprimentar as pessoas, oi povo como cêis tão, daí pra frente todos começaram a estranhar o jeito de falar do cuiabano, logo ele virou assunto na Bahia e começou a ser chamado de visitante da fala estranha, daí então ele resolveu comprar umas roupas chegando na loja ele pergunta ao vendedor:

___ Oi cheumano como se tá? O vendedor logo responde:

___ Ahhhh você deve ser o visitante da fala estranha e ali iniciaram uma longa prosa.

Depois de horas de conversa o cuiabano diz ao vendedor:

___ Xá tramela fala demáx. Sem entender o que o cuiabano lhe disse, ele continua falando, depois de um tempo o cuiabano finalmente consegue falar:

___ O cheumano eu quero uma roupa bem bunita pra eu pode ver a minha Catcho.

O vendedor acaba mostrando alguns modelos de roupa ao cuiabano, espantado com os modelos de roupas ele acaba desistindo de comprar, e vai sim bora meio jururu.

Uma semana depois debaixo de uma tremenda chuva parte o cuiabano para próxima cidade assim ele foi fazendo sua fama pelo Brasil, por onde passava ele fazia a festa.

Imagem: 14. Título: A viagem do cuiabano.
Registro fotográfico da pesquisadora.

Após a reescrita dos textos em sala de aula, os alunos digitaram os textos para a publicação na página, considerando-se que um dos objetivos e função social dos

gêneros é a sua circulação, visando, pois, a divulgação de ideias e aprimoramento. A variação linguística utilizada pelos alunos, na escrita, foi preservada como forma de valorizar a autoria e o incentivo para a produção, visto compreendermos que, quando se interfere com muita subjetividade sobre os textos, pode-se não revelar sua verdadeira intencionalidade. Todavia, após se trabalhar os níveis propostos para o gênero, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 112) enfatizam que, “a escrita deve ser corrigida no final; o texto, durante muito tempo, provisório, é o instrumento de elaboração do texto definitivo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o gênero conto possibilitou a reflexão sobre a necessidade primordial do homem, a comunicação. O ato de comunicar-se traz em seu contexto social e histórico uma imensa riqueza de variações linguísticas e culturais. Quando se estuda algo que faz parte da realidade vivenciada, automaticamente participa-se do processo, ou seja, desperta-se o sentimento de pertencimento, é esse sentimento que nos leva a apreender determinado conteúdo, pois, se algo é de sua propriedade, efetivamente, apropria-se.

O presente trabalho deixou claro que é o envolvimento e compromisso dos alunos e da professora que garantem resultados positivos. Levando-se sempre em consideração todas as etapas e esgotando-se o tempo de cada indivíduo no processo do ensino e da aprendizagem.

Atrair o texto aos conteúdos evidencia a necessidade de cada estudo, pois oportuniza-se a aplicabilidade, a partir dos verdadeiros motivos, conforme cada contexto, da necessidade dos estudos linguísticos, metalinguísticos e epilinguísticos. O trabalho, dessa forma, direcionou e propiciou um melhor entendimento sobre a importância de se debruçar sobre a própria produção e aplicar os conceitos necessários para o seu aperfeiçoamento.

A valorização da variedade linguística usadas por eles em seus textos ampliou ainda mais a possibilidade do sucesso, pois, mostramos através da prática epilinguística que a riqueza da Língua Portuguesa reside justamente no "diferente", na capacidade de movimento e mudança e não em algo estático e superficial. Português não é difícil,

extremamente difícil é lidar com uma tradição que se fecha para os falantes de uma língua materna que, como tal, deve cumprir seu papel não apenas na fala, mas também em uma escrita que considere a reflexão para se chegar a um produto final que não ignore aspectos linguísticos, mas os incorpore ao ensino e aprendizagem.

Observamos que o aluno se sentiu convidado inicialmente, no entanto, quando adentrou ao universo da sequência didática trabalhada, ficou à vontade, pois o trabalho foi introduzido, desenvolvido e concluído por ele, como sujeito de sua aprendizagem e produtor de conhecimento. O alunado não apenas sentiu-se autor, mas ele foi o personagem protagonista dessa história, que com certeza teve o melhor de todos os desfechos, a concretização de um objetivo primordial, a aprendizagem.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento**. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FRANCHI, C. **Criatividade e gramática**. São Paulo: CENP - Secretaria de Estado da Educação, 1991.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Chapeuzinho Amarelo**. Ilustrações de Ziraldo. José Olympio Editora, RJ, 2004.

MOLLIKA M. C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLIKA, M. C.; BRAGA, Maria Luiza [Orgs.]. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

Webgrafias

MARQUES, Santiago Villela. *O bom dragão*. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/varal2019/obomdragao.pdf>. Acesso em: 11/06/2019.



Publicação de trabalhos dos alunos. Disponíveis em:
<https://www.facebook.com/ProfJacinaila/>. Acesso em 11/06/2019.

Submetido em: 28 maio 2020.

Aprovado em: 20 jun. 2020.